

Boletim 44

Técnico

Produção Animal Universidade Brasil

ISSN 2318-3837

Descalvado, SP

Janeiro, 2019



GUIA PARA ANÁLISE ECONÔMICA DE EMPREENDIMENTOS SUINÍCOLAS

Autores:

- ¹ Mariane Zabotto Evangelista
- ² Cynthia Pieri Zeferino
- ³ Luciana Germek

¹Discente do Programa de Pós-Graduação em Produção Animal *Stricto sensu* (PPGPA) - UNIVERSIDADE BRASIL/Descalvado - SP. Tecnóloga e Especialista em Agronegócio - Pluvimax Indústria e Comércio de Componentes Hidráulicos Ltda

²Docente do Programa de Pós-Graduação em Produção Animal *Stricto sensu* (PPGPA) - UNIVERSIDADE BRASIL/Descalvado - SP

³ Gestora e Sócia-Proprietária - Pluvimax Indústria e Comércio de Componentes Hidráulicos Ltda

Boletim Técnico da Produção Animal
(Programa de Mestrado Profissional em Produção Animal)

Ano 2012

Universidade Brasil

Campus Descalvado

Disponibilização *on line*

Autores / Organizadores

Prof. Dr. Vando Edésio Soares

Prof. Dr. Paulo Henrique Moura Dian

Profa. Dra. Käthery Brennecke

Prof. Dr. Gabriel M.P. de Melo

Profa. Dra Liandra M.A.Bertipaglia

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Brasil, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

Evangelista, Mariane Zabotto

Guia para análise econômica de empreendimentos suínícolas / Mariane Zabotto Evangelista et. al -- Descalvado: Universidade Brasil, 2019.

21 p. -- (Boletim Técnico da Produção Animal, Universidade Brasil, 44)

Disponível em:

https://universidadebrasil.edu.br/portal/curso.php?id_curso=161

Inclui bibliografia.

ISSN 2318-3837

1. Indicadores de viabilidade. 2. Suinocultura. 3. Viabilidade econômica. I. Título. II. Evangelista, Mariane Zabotto.

CDD 338.16

GUIA PARA ANÁLISE ECONÔMICA DE EMPREENDIMENTOS SUINÍCOLAS

RESUMO

Diante do cenário econômico mundial favorável, granjas brasileiras de suínos terão oportunidade de crescimento, sendo, portanto, propícia a adequação da infraestrutura das instalações. Sabe-se que todo investimento exige planejamento e estudos prévios que permitem aprovar ou recusar o projeto. Objetivou-se aqui abordar de forma didática e de fácil acesso todos os passos para a análise de viabilidade econômica das instalações suinícolas. Foram detalhados os processos de levantamento de custos e receitas. Além disto, foram incluídos modelos de planilhas, como exemplos práticos, de forma a facilitar ao produtor no momento de construir e calcular o saldo de um fluxo de caixa e como utilizar os resultados do mesmo para o cálculo dos indicadores de valor presente líquido (VPL), taxa interna de retorno (TIR) e *Payback* simples e descontado. Enfim, este guia, representa ferramenta útil para a avaliação de projetos suinícolas, permitindo ao produtor analisar com mais clareza seus custos para que este possa estimar sua rentabilidade e tempo de retorno do investimento e, com isto, obter lucro na produção.

Palavras-chave: indicadores de viabilidade, suinocultura viabilidade econômica

INTRODUÇÃO

Nos últimos 50 anos, a produção brasileira de carne suína registrou recorde histórico de crescimento (Martins *et al.*, 2018). Desta forma, no ano de 2018 o Brasil posicionou-se como 4º maior produtor mundial de carne suína (3,97 milhões de toneladas) e 4º maior exportador (646 mil toneladas). Segundo estimativas, a partir de 2020 a demanda dos principais países importadores tenderá ao aumento, sendo este em torno de 83% para os países desenvolvidos, 60% para a China e 60% para a América Latina (Embrapa, 2019).

Diante deste cenário favorável, as granjas brasileiras de suínos terão oportunidade de crescimento, sendo propícia a adequação da infraestrutura das instalações. A suinocultura gera altos custos ao produtor, principalmente em função da alimentação, à qual representa cerca de 76% dos custos totais (Embrapa, 2019), assim, investimentos em projetos de ampliação necessitam, primeiramente, de estudos sobre viabilidade econômica da benfeitoria.

Sabe-se que todo investimento exige planejamento e estudos prévios que permitem aprovar ou recusar o projeto. Há diversos métodos de avaliação de projetos disponíveis na prática, mas muitos demandam tempo e dados que, muitas vezes, não estão disponíveis na versão preliminar do projeto. Assim, o uso

de indicadores de viabilidade que resultam em dados de fácil e rápida obtenção são importantes para conclusões e tomadas de decisão prévias.

Apesar de suas limitações de uso, os índices VPL, TIR e *payback* são úteis na avaliação de projetos e permitem ao produtor a decisão de investir ou não. O método de cálculo do valor presente líquido (VPL), a taxa interna de retorno (TIR) e o *Payback* utiliza-se de procedimentos feitos com antecedência, como a estimativa de custos e receitas e a construção de fluxo de caixa futuro.

Objetivou-se com este guia, abordar de forma didática e de fácil acesso todos os passos para a análise de viabilidade econômica das instalações suinícolas.

LEVANTAMENTO DE CUSTOS

Nessa primeira parte, é recomendado registrar e organizar todos os custos já dispendidos e os custos em planejamento, orçados com fornecedores ou mesmo estimados de forma empírica para a implantação do projeto.

Para Raineri *et al.* (2015), a estimativa de custos tem cada vez mais importância, pois indicam o sucesso do empreendimento no seu esforço de produzir.

A gestão de custos na atividade rural proporciona controle de produção, análises para redução de custos, melhoria de

margens de lucro, entre outras vantagens que dão segurança ao proprietário (Vieira e Brizolla, 2007).

É importante classificar os custos em fixos e variáveis, sendo esta também uma estratégia de apoio para a redução dos mesmos.

Os custos fixos são aqueles que ocorrem de forma contínua, ou seja, independem da quantidade produzida (Pereira, 2014). Os custos variáveis oscilam de acordo com o volume produzido e vendido em determinado período (Carpintéro *et al.*, 1982).

Não há metodologia universal para o levantamento e a classificação dos custos, portanto, podendo ser feito de forma personalizada, considerando aspectos do negócio em si, tais como localidade, leis, estratégias de redução de custos, nível de qualificação da mão-de-obra, nível de tecnologia requerida e objetivo do empreendimento.

Contudo, o detalhamento de custos seguindo determinada metodologia para maior precisão nas tomadas de decisão sempre será o mais recomendado, já que na pecuária existem longos períodos de tempo entre produção e venda (custos e receitas), o que não acontece em outros setores (Vieira e Brizolla, 2007).

Em geral, os empreendimentos suinícolas abordam custos referentes a:

- Investimento (financiamento ou recursos próprios);

- Instalações e equipamentos;
- Parcelas de financiamento;
- Licenciamento ambiental;
- Alimentação;
- Mão-de-obra;
- Fretes;
- Energia elétrica;
- Limpeza e desinfecção;
- Fundo de garantia do tempo de serviço (FGTS)

Muitas vezes na prática, os custos eventuais não são planejados. Contudo, como qualquer outra atividade pecuária, a suinocultura sofre riscos ambientais e também financeiros, sendo importante estimar uma taxa de despesas eventuais, sendo de 5% sobre o total dos custos, conforme recomendações de Giroto e Filho (2000).

LEVANTAMENTO DA RECEITA

As receitas operacionais englobam todas as entradas de caixa e desembolsos diretamente relacionados com a atividade fim da empresa (Xavier, 2016).

Apesar de haver vários métodos de previsão, a receita operacional pode ser estimada através do preço pago pelo kg do suíno no momento da venda. Para isso, é essencial consultar

bases de dados de preços com série histórica. Geralmente as associações regionais de produtores de suínos possuem estes dados. Um exemplo é a Associação Catarinense de Criadores de Suínos (ACCS, 2019), que atende nove cidades do estado de Santa Catarina, por meio do fornecimento informações, dentre elas preços e custos, além da prestação de serviços para os suinocultores.

Com o apoio das associações regionais, é possível conferir a variação de preços no decorrer do tempo, para, desta forma, estimar sua oscilação futura, e com isto, definir a receita do projeto. O Microsoft Excel® possui a fórmula financeira “Planilha de Previsão”, uma forma prática e rápida de estimativa futura de números de uma série histórica.

CONSTRUÇÃO DO FLUXO DE CAIXA

Os custos levantados e separados, bem como as receitas, devem ser submetidos a um fluxo de caixa futuro. O fluxo de caixa é uma ferramenta de gestão que projeta para períodos futuros todas as entradas e as saídas de recursos financeiros, indicando como será o saldo de caixa para o período projetado (SEBRAE, 2019).

Trata-se de um instrumento importante no planejamento de novos empreendimentos que, apesar de pouco utilizado pelos gestores, aponta falhas na liquidez do projeto, sendo útil na

gestão de contas a pagar. Também possibilita perceber com clareza a relação “lucro” x “caixa”, fundamental para identificar e diferir o lucro econômico do lucro contábil (Gonçalves e Conti, 2011).

Em geral, o horizonte de tempo do fluxo de caixa é configurado para anos, pensando em analisar os resultados do projeto à longo prazo. Contudo, é necessário ponderar esse aspecto levando em consideração o tipo de negócio, podendo o fluxo ser construído para curto e médio prazos também, como semanas, meses, bimestres, trimestres e semestres.

No primeiro período do fluxo, devem constar apenas os investimentos (em recursos financeiros e em material). Nos períodos seguintes devem constar a receita e os custos, conforme Tabela 1.

Tabela 1: Exemplo de distribuição de dados em um fluxo de caixa para suinocultura

	2019	2020	2021
Investimento	R\$	-	-
Instalações e Equipamentos			
Total (financiado)	R\$	-	-
Receita		R\$	R\$

Custos Fixos			
Parcelas do financiamento	-	-	R\$
Eventuais (3%) ¹	-	R\$	R\$
Total			R\$

Custos Variáveis			
Licenciamento ambiental	-	R\$	
Alimentação	-	R\$	R\$
Mão de obra	-	R\$	R\$
Fretes	-	R\$	R\$
Energia elétrica	-	R\$	R\$
Limpeza e desinfecção	-	R\$	R\$
FGTS	-	R\$	R\$
Eventuais (3%) ²	-	R\$	R\$
Total	-	-	R\$

Fonte: Elaboração Própria

A inclusão de valores no fluxo de caixa deve respeitar a sazonalidade do custo. As parcelas de financiamento são um exemplo, pois geralmente começam a ser quitadas após um

¹ Taxa aplicada sobre o valor do custo fixo (investimento).

² Taxa aplicada sobre o total dos custos variáveis.

período de carência e este custo deve entrar no fluxo a partir do término desse período. O mesmo ocorre com o licenciamento ambiental em que, após concedida a licença prévia com a tarifa devidamente paga no primeiro ano, há carência de três a cinco anos para a emissão da licença de operação e a renovação da mesma durante toda a operação do empreendimento.

Até esse estágio é possível calcular o lucro bruto, subtraindo os custos totais (soma dos custos fixos e variáveis) da receita.

O próximo estágio do fluxo de caixa é referente aos cálculos de deduções da depreciação de máquinas e equipamentos, impostos e taxa mínima de atratividade (TMA), também chamada de custo de oportunidade, ou mesmo, a taxa de juros. Esse desconto deve incidir sobre o lucro bruto a fim de gerar o lucro tributável, de onde é deduzido o imposto de renda e outras contribuições, a depender do enquadramento fiscal da propriedade/empresa. Como resultado, tem-se o lucro líquido ou lucro contábil, um indicador rápido de rentabilidade do projeto, apesar de pouco detalhado.

Por fim, soma-se ao lucro líquido os mesmos valores de depreciação, impostos e TMA, a fim de gerar o saldo final do fluxo de caixa no período, que também pode ser considerado como lucro econômico.

A Tabela 2 exemplifica os cálculos mencionados acima.

Tabela 2: Sugestão de cálculos dos lucros e do saldo em um fluxo de caixa para suinocultura

Orientações		2020	2021
Custo Total	Somar os custos fixos e variáveis	R\$	R\$
<hr/>			
Lucro Operacional Bruto (LOB)	Subtrair o custo total da receita	R\$	R\$
Depreciação	Estimar valor	R\$	R\$
FUNRURAL ³	Estimar valor	R\$	R\$
TMA	Estimar valor	R\$	R\$
<hr/>			
Lucro Tributável (LT)	Subtrair valores de depreciação, FUNRURAL e TMA do LOB	R\$	R\$
IR / CSLL ⁴	Estimar valores	R\$	R\$
<hr/>			
Lucro Líquido (LL)	Subtrair valores do IR e CSLL do LT	R\$	R\$
Depreciação	Repetir valor	R\$	R\$
FUNRURAL	Repetir valor	R\$	R\$
TMA	Repetir valor	R\$	R\$
<hr/>			
FLUXO DE CAIXA	Somar LL com a depreciação, FUNRURAL e TMA	R\$	R\$

³Alíquota de recolhimento obrigatório pelos empregadores rurais que incide sobre as vendas de produção. Os recursos são destinados ao Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural.

⁴ Imposto de Renda; Contribuição Social sobre o Lucro Líquido.

Fonte: Elaboração Própria

Com a montagem do fluxo, o próximo passo é a escolha de indicadores de viabilidade. Os mais comuns são o VPL, a TIR e o *payback* simples e descontado.

DETERMINAÇÃO DO VPL

De acordo com Rebelatto (2004), o VPL reflete a riqueza do investimento através da diferença entre valor presente das entradas de caixa e valor presente das saídas de caixa sob uma determinada taxa, chamada de taxa de desconto, custo de oportunidade ou custo do capital.

De forma resumida, o VPL visa trazer a valor presente os resultados dos fluxos de caixa futuros descontando uma determinada taxa.

Sua fórmula matemática segue abaixo (Matte, 2019):

$$VPL = \left[\frac{N}{(1+i)} + \frac{N}{(1+i)^2} + \frac{N}{(1+i)^3} + \dots + \frac{N}{(1+i)^x} - P \right]$$

VPL = valor presente líquido

N = valor nominal

P = capital

i = taxa de juros

O cálculo pode ser mais simples com o uso do Microsoft Excel®, que possui a fórmula “VPL” nas opções de fórmulas financeiras. Deve-se aplicar no cálculo o resultado as células do resultado do fluxo de caixa.

O projeto pode ser aprovado ou rejeitado de acordo com o resultado obtido no VPL, sendo que, segundo Matte (2019):

VPL > ou = 0: resulta em viabilidade do projeto, onde a pior das hipóteses aponta para ganhos iguais ao investimento;

VPL < 0: resulta em projeto inviável, com prejuízo estimado. Contudo, se houver vários fluxos possíveis em relação ao mesmo capital, é recomendável escolher aquele com maior diferença líquida, pois é o que representa maior rentabilidade.

DETERMINAÇÃO DA TIR

Para Rodrigues (2018), a TIR indica a porcentagem de retorno para que as quantidades de entradas e saídas ao longo dos fluxos de caixa sejam as mesmas.

Segundo Visemais (2019), a TIR determina a taxa de desconto que um fluxo de caixa deve ter para igualar a zero o VPL, sendo utilizada para avaliar a atratividade de um investimento.

A fórmula matemática da TIR segue abaixo (Puccini, 2011):

$$\text{VPL} = \left[\frac{\text{PMT}_1}{(1+i)} + \frac{\text{PMT}_2}{(1+i)^2} + \dots + \frac{\text{PMT}_n}{(1+i)^n} \right] - \text{PV} = 0$$

VPL = valor presente líquido

PMT = valor da prestação

PV = valor presente

i = taxa de juros

Também é possível realizar o cálculo pela fórmula financeira “TIR” no Microsoft Excel®, onde deve-se usar as células do resultado do fluxo de caixa para o cálculo.

De acordo com Rodrigues (2018) e Visemais (2019), o projeto pode ser aceito ou rejeitado com base nos resultados abaixo:

TIR > TMA: indica projeto viável, onde o percentual e rentabilidade são superiores ao montante aplicado no projeto;

TIR < TMA: indica projeto inviável;

TIR = TMA: indica ponto de equilíbrio da rentabilidade.

Recomenda-se avaliar com cautela este resultado.

A TIR apresenta algumas desvantagens, como: não mostrar o risco que o projeto corre, não apresentar potenciais perdas, se restringindo aos retornos esperados e possibilidade de mostrar taxas múltiplas se os fluxos de caixa não forem uniformes (Visemais, 2019).

DETERMINAÇÃO DO *PAYBACK*

Consiste na determinação do tempo necessário para que o desembolso de capital seja recuperado por meio dos fluxos de caixa do investimento (Lima, 2015). É um indicador que possibilita decidir pela aprovação ou não de um projeto, através do tempo de vida esperado do ativo, dos riscos associados e de sua posição financeira (Rodrigues e Rozenfeld, 2019).

Sendo um método simples e popular, o *payback* estipula o tempo exato de recuperação dos recursos financeiros através das entradas de caixa estimadas para o investimento (Santos e Vasan, 2019).

Pode ser calculado utilizando o fluxo de caixa simples ou o fluxo de caixa acumulado. O fluxo simples apresenta apenas os valores do desembolso inicial, ou período 0 e das entradas estimadas para os períodos restantes. Já o fluxo acumulado apresenta os saldos do período 1 em diante através da soma com o período anterior. A apresentação dos fluxos segue nas tabelas abaixo:

Tabela 3: Exemplo de fluxo de caixa simples

	2019	2020	2021	2022
Investimento	R\$ - 200.000,00	-	-	-
Instalações e Equipamentos				
Total (financiado)	R\$ - 200.000,00	-	-	-
Receita	-	R\$ 100.000,00	R\$ 100.000,00	R\$ 100.000,00
Fluxo de caixa simples	R\$ - 200.000,00	R\$ 100.000,00	R\$ 100.000,00	R\$ 100.000,00

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 4: Exemplo de fluxo de caixa acumulado

	2019	2020	2021	2022
Investimento	R\$ - 200.000,00	-	-	-
Instalações e Equipamentos				
Total (financiado)	R\$ - 200.000,00	-	-	-
Receita	-	R\$ 100.000,00	R\$ 100.000,00	R\$ 100.000,00
Fluxo de caixa acumulado	R\$ - 200.000,00	R\$ -100.000,00	R\$ 0,00	R\$ 100.000,00

Fonte: Elaboração Própria

Aplica-se então os cálculos propostos pelas fórmulas de Rodrigues e Rozenfeld (2019), descritas abaixo:

Payback simples:

$$Payback = \frac{|FC_{j-}|}{(|FC_{j-}|+|FC_{j+}|)} \times (Ano_+ - Ano_-) + Ano_-$$

FC = fluxo de caixa simples

Exemplo: $200.000 / (200.000 + 100.000) \times (1-0) + 0$
 $200.000 / 300.000 \times 1$
 $200.000 / 300.000 = \mathbf{0,66 \text{ ou } 8 \text{ meses}}$

Payback descontado:

$$Payback = \frac{|FCCD_{j-}|}{(|FCCD_{j-}|+|FCCD_{j+}|)} \times (Ano_+ - Ano_-) + Ano_-$$

FCCD: fluxo de caixa descontado

Exemplo: $200.000 / (100.000 + 0,00) \times (2-1) + 1$
 $200.000 / 100.000 \times 2$
 $200.000 / 200.000 = \mathbf{1 \text{ ano}}$

Segundo os mesmos autores, a avaliação do resultado se dá pelos seguintes critérios:

Payback < período máximo aceitável de recuperação: permite aceitar o projeto;

Payback > período máximo aceitável de recuperação: permite rejeitar o projeto.

Lima (2015) afirma que mesmo sendo prático, o *payback* não leva em conta as magnitudes dos fluxos de caixa e sua distribuição nos períodos que antecedem ao período de *payback*, isto é, se por exemplo o fluxo de caixa tiver uma receita exorbitante ou ficar negativo em determinado período do projeto. Além disso, não leva em consideração os fluxos de caixa que ocorrem após o período de *payback*, sendo difícil estimar o desempenho do projeto a partir do momento de recuperação do investimento.

CONCLUSÃO

Este guia representa ferramenta útil para a avaliação de projetos suinícolas, permitindo ao produtor analisar com mais clareza seus custos para que este possa estimar sua rentabilidade e tempo de retorno do investimento e, com isto, obter lucro na produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCS - Associação Catarinense de Criadores de Suínos. 2019. Disponível em: <http://www.accs.org.br/arquivos_internos/index.php?abrir=relatorios_anuais>.

CARPINTÉRO, J.N.C.; MARTINEZ, J.W.; BACIC, M.J. **Introdução ao Custo e aos Sistemas de Custeio**. Campinas, SP: IFCH, DEPE, CTAE, 1982. Universidade Estadual de Campinas, 1982.

EMBRAPA. **Demanda per capita por produtos cárneos 1993-2020**. 2019. Disponível em <<https://infogram.com/demanda-per-capita-por-carne-1h7g6kov3kwo2oy?live>>.

EMBRAPA. **Estatísticas: desempenho da produção**. 2019. Disponível em <<https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/cias/estatisticas>>.

GIROTTTO, A.F.; FILHO, J.I.S. **Custo de Produção de Suínos**. Concórdia, SC: EMBRAPA, 2000. Documento n. 62, ISSN: 0101-6245, 2000.

GONÇALVES, M.A; CONTI, I.S. Fluxo de Caixa: Ferramenta estratégica e base de apoio ao processo decisório nas micro e pequenas empresas. **Revista de Ciências Gerenciais**, Londrina, v. 15, n. 21, 2011.

LIMA, R.A.S. **Alguns Conceitos de Matemática Financeira**. Piracicaba, SP: ESALQ - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, 2015.

MARTINS, F.M.; FILHO, J.I.S.; TALAMINI, D.J.D. Conjuntura Econômica da Suinocultura Brasileira. **Revista Suinocultura Industrial: Anuário 2019**, Itu, ano 41, ed. 285, n. 6, ISSN: 2177-8930, p. 22, 2018.

MATTE, D.K. **Técnicas de Orçamento de Capital**. Cáceres, MT: UNEMAT, 2019. Originalmente apresentado como apostila de aula nº 02 da disciplina Administração Financeira e Orçamentária II, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019.

PEREIRA, M.S.A. **Gestão de Custos**. 1º ed. São Paulo: IOB Folhamatic, 2014.

PUCCHINI, E.C. **Matemática financeira e análise de investimentos**. Florianópolis, SC: CAPES, UAB, UFSC, 2011. Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

RAINERI, C.; ROJAS, O.A.; GAMEIRO, HAUBER, A. Custos de Produção na Agropecuária: da Teoria Econômica à Aplicação no Campo. **Revista Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, Pirassununga, v. 4, n. 4, p. 194-211, 2015.

REBELATTO, D. **Projeto de Investimento**. 1º ed, v. 01. Barueri: Manole, 2004.

RODRIGUES, A.J.P. **TIR: O que é e qual a sua importância**. Piracicaba, SP: Adeca Agronegócios, 2018. Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, 2018.

RODRIGUES, K.F.C.; ROZENFELD H. **Análise de Viabilidade Econômica**. São Carlos, SP: USP, 2019. Grupo Engenharia Integrada e Engenharia de Integração do Departamento de Engenharia de Produção; Escola de Engenharia de São Carlos, USP, 2019.

SANTOS, E.; VASAN, A.H. **A Importância dos Investimentos: uma Análise por meio do *Payback*, VPL e TIR**. São Paulo, SP: UNIESP, FANP, 2019. Ciclo de Estudos em Administração & Ciclo de Estudos Tecnológicos, Faculdade do Noroeste Paranaense, União das Instituições Educacionais de São Paulo, 2019.

SEBRAE. Fluxo de Caixa. 2019. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Anexos/GESTAO_FINANCEIRA_Fluxo_caixa.pdf>.

VIEIRA, E.P.; BRIZOLLA, M.M. Controle de custos: ferramenta para gestão na atividade agrícola. In: XIV CONGRESSO

BRASILEIRO DE CUSTOS, 2007, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: 2007.

VISEMAIS. 2019. Disponível em: www.visemais.com.br.

XAVIER, J.A. **Análise da Lucratividade Líquida de uma Empresa Alimentícia de Venâncio Aires**. Lajeado, RS: UNIVATES, 2016. Originalmente apresentado como trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário UNIVATES, 2016.